

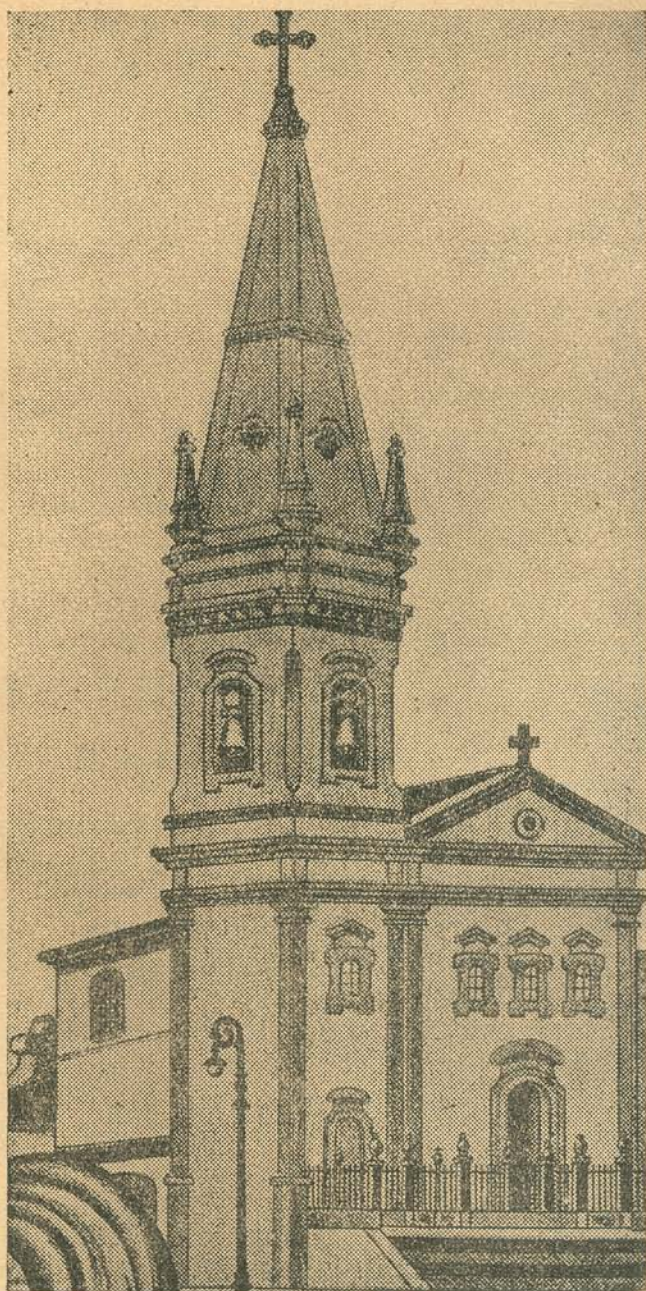
S. GONÇALO GARCIA E S. JORGE

Na rua da Alfândega, esquina da Praça da República, está situada a Igreja de S. Gonçalo Garcia e S. Jorge. Esse templo foi fundado por Provisão concedida em dezembro de 1758, em terreno doado pelo Cônego Antônio Lopes Xavier, terreno esse que media 5 braças de frente por 18 de fundos, ao qual, em 1759, mais 3 braças foram aduzidas.

A esse tempo a igreja era apenas dedicada a S. Gonçalo Garcia, porquanto S. Jorge tinha o seu templo próprio na rua do seu nome (atual Gonçalves Lêdo) esquina da rua da Lampadosa (hoje Luis de Camões).

Em 1850, o santuário do Santo guerreiro, de construção frágil, estava a cair; faltavam à Irmandade os recursos necessários à sua reedificação, e nem mesmo os havia para que nêle se tentassem os menores reparos. Dessa forma, o culto a São Jorge não podia ser prestado com a devida decência, e, para que se perdesse o menos possível, foi resolvido entre os irmãos socorrerem-se da igreja de S. Gonçalo Garcia, para guarda da imagem do seu patrono.

Ao que parece — pois tudo assim o indica, deram-se bem os filhos de S. Jorge e os de S. Gonçalo Garcia. E a harmonia que entre êles reinava, a comunhão de idéias e a afinidade que logo se patenteou, foram tão firmes, que em 1854, fizeram junção das duas agremiações, tornando-a uma só instituição, que tomou o título de “Venerável Confraria dos Gloriosos Mártires S. Gonçalo Garcia e S. Jorge”. O requerimento nesse sentido dirigido pelo Provedor Antônio Timoteo da Costa e demais membros da Irmandade de S. Jorge ao Bispo D. Manoel



S. GONÇALO GARCIA E S. JORGE

do Monte Rodrigues de Araujo, Conde de Irajá, teve logo o mais amplo deferimento em 19 de junho do mesmo ano.

Dias depois realizava-se a solenidade da trasladação da imagem do santo-cavaleiro para a igreja do então Campo de Sta. Ana, ato que foi revestido da maior pompa, registrando-se grande acompanhamento de devotos e figuras da maior representação. E na capela-mor do templo, à esquerda da bôca do trono, foi colocada a estátua de S. Jorge; à direita ficou S. Gonçalo Garcia, e no centro, em seu nicho, N. S. da Conceição — padroeira das duas confrarias que então se juntavam, e ao alto o Crucificado.

Essa foi a disposição que tomou o altar-mor na época da fusão, e até hoje, assim se conserva.

* * *

A festa em honra de S. Jorge é tradicional no Rio de Janeiro. No dia 23 de abril de cada ano, grandes multidões de devotos se comprimem dentro do templo, e nas suas imediações, e torna-se necessária até a intervenção da polícia para manter a ordem e obrigar os fiéis a se colocarem em fila para passar diante do altar do grande guerreiro. E' um acontecimento da maior relevância, em que tomam parte tôdas as classes sociais, da mais elevada à mais humilde.

Além da imagem que se encontra no altar-mor, há uma outra equéstre, de tamanho maior, que atualmente está exposta numa capela especialmente construída há dois anos, à esquerda do corpo da igreja, com comunicação interna pela nave e porta de saída independente para a Praça da República. E' um recinto amplo, revestido de mármore até a metade das paredes, nas quais, em retabulos, há pinturas evocando algumas passagens da vida do orago.

Antigamente, todos os anos, era organizada uma procissão no dia de Corpus Christi. Esse cortejo religioso realizou-se ininterruptamente até o ano de 1869, quando foi suspenso.

Naquêl tempo a imagem grande só aparecia em público na referida procissão, sendo depois dessa data guardada em dependência da igreja, em um saco especial.

O cavalo branco em que montava a imagem era fornecido pela fazenda imperial, e apenas servia ao santo. Durante

todo o ano permanecia em uma cocheira no Largo de S. Domingos onde tinha o bucéfalo vida regalada, cercado de cuidados, bôa alimentação e ótimo trato. No dia da procissão apresentava-se garboso, com a cauda e as crinas enfeitadas de flores e fitas vermelhas, grandes penachos de plumas, manta de veludo bordada e franjada de ouro. O cortejo que o seguia era igualmente imponente: muitos cavalos ajaezados, montados por pagens vestidos a caráter, ostentando nas capas de veludo verde-escuro, em relêvo, as armas da Casa de Bragança. Tôdas as despesas do dia eram feitas pelos cofres imperiais.

A procissão saía da igreja do Campo de Sta. Ana e ia até o Largo do Paço (Praça 15 de Novembro), e ali, "recolhida que era, a Irmandade esperava à porta da Capela Imperial pelas ordens de S. Magestade, as quais o procurador ia receber do mesmo Augusto Senhor, e na volta para a capela iria a Irmandade pelas ruas que o provedor determinasse".

Em 1940, setenta e um anos após, saiu novamente a procissão; desta vêz, porém, o cavalo que conduzia o padroeiro já era o que hoje lhe serve de montaria no templo. Um belo trabalho em madeira, que foi oferecido por um membro da Irmandade em regosijo pela realização de um negócio de grande vulto, para o que suplicara a proteção do santo. A imagem foi conduzida pelas ruas em cima de uma carreta oferecida pelos funcionários do Arsenal de Guerra. Em 1943, saiu ainda o cortejo, em carreta do Corpo de Bombeiros.

* * *

S. Jorge foi canonizado no ano de 494, pelo Papa Gelásio. No tempo das Cruzadas no Oriente os guerreiros proclamaram o santo protetor da cavalaria, e o Sínodo de Oxford, no ano de 1220, declarou-o padroeiro da Inglaterra.

Provavelmente da Inglaterra e da Alemanha a devoção se irradiou pelos demais países da Europa, notadamente a França, a Espanha, Portugal e Itália, e dali para o resto do mundo.

No Rio de Janeiro, a existência regular da Irmandade data de 1741, quando por ordem régia de D. João 5.º, o Dr. Luiz Antônio Rosado da Cunha, juiz de Capelas e Resíduos, instituiu essa devoção, para o que obteve logo a aprovação do Bispo D. Antônio do Destêrro.

Antes de ter a residência própria na rua de S. Jorge, a imagem esteve em um dos altares da Igreja de N. S. do Parto, segundo um contrato celebrado entre as duas respectivas Irmandades, em 9 de abril de 1742.

Em escritura datada de 26 de agosto de 1753, obtinha a Irmandade de S. Jorge, por doação do bemfeitor Pedro Coelho da Silva e sua mulher Maria da Penha, a propriedade do terreno onde foi edificada a sua capela, que ficou concluída em 1800, quando ali se instalou, trasladando-se nessa ocasião a imagem da igreja do Parto.

* * *

O templo de S. Gonçalo Garcia e S. Jorge é, elegante e sóbrio. O frontespício largo, tem a porta principal voltada para a rua da Alfândega, e acima três pequenas janelas que se abrem para o côro. Na coluna da torre há outra porta menor e uma janela aberta no mesmo nível das outras três.

A torre é retangular, com quatro sinos, terminando num ápice agudo, tendo uma cruz no alto do corucheu.

Em 1901, num dia de forte tempestade, uma faísca elétrica atingiu a torre danificando três sinos, inclusive o maior que viera de Portugal, em 1820. Os dois menores, submetidos a concêrto, readquiriram o som primitivo; o outro, no entanto, nunca mais teve a sonoridade dos antigos tempos. Contudo, é ali conservado como relíquia.

À frente da igreja, que conta três degraus, há um gradil de ferro com o respectivo portão, que é aberto nas horas em que se celebram os ofícios religiosos.

O interior da igreja obedece ao estilo barrôco comum no tempo em que foi levantado o edifício. Tôda branca, com trabalhos em relêvo, de fino labor e gôsto.

Os altares em número de seis, além do da Capela-mor, são todos de gesso, com nichos. Nêles se encontram N. S. da Conceição de Oliveira, que data de 1820 e é obra portuguesa, e Sta. Terezinha; em outro, N. S. das Dôres, Sagrado Coração de Jesus e S. José, e sob êsse altar repousa a imagem do Senhor Morto. No seguinte vemos Sto. Expedito (a primeira imagem dêsse Santo que veio para o Brasil), Sto. Amaro, Sta. Inês e Sta. Bárbara; o Divino Espírito Santo, Sto. Antônio,

S. Gonçalo, Sto. Onofre e S. Sebastião estão no altar ao lado; a seguir, S. Crispim e S. Crispiniano, S. Cosme e S. Damião, e no último, S. Judas Tadeu e N. S. de Luján, que veio especialmente da Argentina para ser venerada nessa igreja.

No altar-mor, como ficou dito no princípio desta crônica, estão as imagens de S. Jorge e S. Gonçalo Garcia, tendo ao centro, sôbre o trono, N. S. da Conceição, e no alto o Crucifixo.

E' tudo quanto podemos informar — à falta de dados maiores, sôbre a igreja de S. Gonçalo Garcia e S. Jorge. Este último é o santo que conta com uma das maiores devoções no Rio de Janeiro, sendo venerado por indivíduos de tôdas as esferas sociais.